

REDATOR PRINCIPAL
ALEXANDRE VIEIRA

* Propriedade da Confederação Geral do Trabalho *

EDITOR — JOAQUIM CARDOSO

Redação e administração Calçada do Combro, 38-A, 2.º

Lisboa — PORTUGAL

End. teleg. Talhada — Lisboa — Telefone?

Oficinas de impressão: Rua da Atalaia, 134

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

O problema máximo

O problema máximo, aquele que absorve todas as atenções, pelo menos as dos indivíduos que não vivem do exercício da exploração sobre os seus semelhantes, é o problema da vida cara.

E' ele o problema mais transiente da actual hora, porque sua persistência e sua tendência para agravar-se não de refletir-se poderosa e funestamente sobre os direitos adquiridos à custa do sangue de tantas gerações, consequências que poderão ter uma preponderância negativa avanço para a conquista da emancipação das classes produtoras.

Hoje mesmo já não é só o problema da vida cara que põe uma nova obsecadora no pensamento dos que trabalham. E' também o das escassas dos gêneros e produtos necessários à existência do homem, pois a perfídia dumha classe, detentora dos mais criminosos privilégios, põe em prática um maquiavélico plano, cuja finalidade é a mais completa escravidão do proletariado.

Por um optimismo exagerado poderá pretender-se impossível tal regresso, mas se se preserar um pouco de atenção ao que passa em volta de nós, ver-se-á, sem cair nos barrancos do pessimismo, que no fundo tudo quanto havia de verdadeiro nas liberdades conquistadas por nossos avós está hoje completamente sofisado, pois essas liberdades estão por tal forma condicionadas em leis e decretos, e as mais das vezes à mercê do arbitrio dos políticos e dos seus agentes policiais e jurídicos, que bem pode dizer-se que não existem.

Mas não é só pela influência da ação opressiva dos governos que essa escravidão se tornará possível. A base da sua vitoriosa carreira está sobretudo na ação devastadora do capitalismo, que, na escassez e na carestia dos bens, a grande arma para restringir a impotência todas as liberdades consignadas nos códigos ou sancionadas pelo costume.

Neno Vasco

Chegam-nos óptimas notícias acerca do actual estado de saúde e de espírito do nosso preso amigo e distinto colaborador da Batalha Neno Vasco, que achando-se, conforme dissemos, gravemente enfermo, foi procurar melhorias na encantada estância de S. Romão, cerca do Porto, onde se encontra fazendo uma estação de cura.

As boas notícias são-nos enviadas pelos dedicados camaradas do Porto que estão à frente do grupo de assistência, a Neno Vasco, os quais mantém assidua correspondência com o grupo que em Lisboa vela pelos filhos do apreciado escritor libertário, os quais se substituem assim a este, a quem o respectivo médico assistente, que tem sido dum rara dedicação, aconselhou absoluto repouso.

Sabemos que um grupo de camaradas de S. Paulo (Brasil), cidade onde Neno Vasco conta muitíssimas simpatias, conhecedor do delicado estado de saúde do nosso companheiro, acaba de dar-lhe, por intermédio de Adelino de Pinho, velho companheiro de Neno na propaganda, um eloquente testemunho de solidariedade, facto que altamente sensibilizou o nosso duente, que igualmente está muito penhorado pelas demonstrações de solidariedade que está recebendo dos seus confrades de Lisboa e Porto.

União dos Sindicatos Operários

Conforme tinha sido resolvido, na reunião realizada no p.º domingo, a comissão de sócios auxiliares de A Voz do Operário, nomeada em uma assembleia da mesma Sociedade para tratar da reforma da sua lei estatutária, avistou-se ontem novamente com a comissão administrativa deste organismo de se tomarem resoluções definitivas sobre o assunto que lhe está confiado. Na reunião, que foi demorada, tomaram-se resoluções importantes e algumas de carácter reservado.

O conselho de delegados, que hoje reúne pelas 20 e meia horas, ocupar-se não só de tão importante assunto, como também do movimento em trânsito contra a carestia da vida, assuntos estes que estão agitando a população proletária.

Necessária se torna a compreensão de todos os delegados, dada a importância das resoluções a tomar sobre qualquer das questões.

Hoje realiza-se uma entrevista com o ministro da justiça a respeito da falha de remoção da lei do inquilinato.

“ABC”

Ja saiu o 2.º número da nova revista ABC, que cada vez mais interessante se apresenta. Os assuntos de actualidade são apanhados com grande habilidade, de maneira a excitar, de página para página, a curiosidade do leitor. Deve sair hoje o terceiro número.

ERROS A COMBATER
SEJAMOS CONSEQUENTES!

Reclamar é assás legítimos e é humano

Servir os interesses do patronato — não!

Há dois dias trouxe-nos o nosso informador da câmara municipal, entre outras, a seguinte nota:

O pessoal dos escritórios da Sociedade Companhias Reunidas Gás e Electricidade entregou na câmara municipal uma representação em que pedia a extinção do aumento do preço da energia eléctrica, conforme solicitava aquela companhia, a fim de lhe poder elevar os seus vencimentos.

A despeito de estarmos assistindo diariamente à prática dos actos os mais incongruentes que podem conceber-se, muitos deles não apenas postos em foco pela classe capitalista, mas — o que é pior — por criaturas que formam na classe que trabalha; apesar disso, a nota acima reproduzida impressionou-nos desgradavelmente, porque o pessoal a quem ela se refere vem de dar uma triste prova da sua consciência.

Se, no nosso critério de trabalhadores, compreendemos que os salarizados não ganham o suficiente para manter-se, quer seja que seja a profissão que desempenham na sociedade, desde que seja útil, tem todo o direito a reclamar do patronato melhoria de situação, inútil para isso, se necessário for, até à greve, não podemos achar todavia razóvel que a esse patronato, ou a quem com ele está ligado por virtude de quaisquer contratos, se peça, como o fez, junto da câmara, o pessoal dos escritórios Nacional, por estar a essa data em reorganização a União dos Sindicatos Operários?

E' não se recordam os actuais orientadores desse sindicato de problemática existência que a classe operária organizada, sem combater o seu pedido de aumento de salário, que recentemente defendeu, condonou todavia com justa indignação o pessoal precisamente por ter indicado à companhia, como recurso a adoptar por esta, o aumento do preço da água?

Será então necessário que novamente a organização operária venha afirmar a sua repulsa por processos tão condonáveis de reclamar aumento de salário?

Bom será que os orientadores do pessoal das duas companhias reflectam sobre o seu procedimento para que minister não seja que a organização sindicalista do chame ao bom terreno.

Infelizmente não é primeira vez que da banda dos que produzem saem resoluções tão pouco edificantes, nem será certamente a última. E' que, magro nosso, ainda existem muita inconsciência, e os casos de que vimos de ocupar-nos disso não dão uma evidente demonstração. •••

O problema máximo nesta hora angustiosa é o da carestia da vida.

E' preciso, dado que a sua justa solução é impossível dentro da actual sociedade, que se oponha um dique ao seu constante agravamento, forçando os gananciosos a reduzir os seus lucros fabulosos, pois já tem roubado o bastante para poderem sofrer o sacrifício de conter os seus criminosos e insaciáveis impetos de se afogarem em ouro.

O problema máximo, neste momento, é o da carestia da vida. E' preciso, dado que a sua justa solução é impossível dentro da actual sociedade, que se oponha um dique ao seu constante agravamento, forçando os gananciosos a reduzir os seus lucros fabulosos, pois já tem roubado o bastante para poderem sofrer o sacrifício de conter os seus criminosos e insaciáveis impetos de se afogarem em ouro.

Proceder, porém, nas condições atribuídas ao pessoal dos escritórios da Companhia do Gás é servir os interesses da mesma companhia, é auxiliá-la nas pretensões que alimenta de agravar ainda mais um artigo que já está caríssimo, tudo isto em manifesto prejuízo do consumidor, que não poderá ver com simpatia que aqueles empregados façam tam estranho pedido.

Raríssimos dos jornais não atingidos tiveram palavras de indignação contra a mordada, tendo-se alguma limitado a publicar as notas da polícia sem uma palavra de protesto, como se se tratasse uma coisa natural, chegando a um até, nas suas entrelinhas venenosas, a achar justa a medida, bolsando de mistura as infamias que lhe são peculiares.

Porém, já de sobe conhecemos tais processos e nada temos que nos admira-

O caso é que diariamente A Batalha não pode ser impressa sem que os encarregados da censura dêem... as suas ordens, que por vezes são demoradas, atrasando-nos o serviço do correio e de venda.

Esta continua a ser a verdade, por muito que pese àqueles que pretendem dizer que não é assim.

E estaremos sujeitos a este regime até que o sr. Granjo resolva legislar em contrário...

A Associação de Classe do Construtor Civil do Seixal comunica-nos que sua última assemblea geral foi votado um protesto unânime contra a censura à imprensa, especialmente à Batalha, e também contra as perseguições de que temos sido vítima.

A LUTA SOCIAL

A opinião pública alemã a favor dos bolchevistas

PARIS, 24. — *Le Petit Parisien* publica um despacho de Berlim que diz:

“A opinião pública alemã segue com apreço o interesse as peripécias da classe operária.”

O polónia deseja insistentemente o armistício

PARIS, 24. — O ministro de Estado polaco enviou no dia 22 um radiograma ao comissário do povo russo em Estado, Tchicherine, no qual dizia o seguinte:

“O governo polaco para dar trégua, quanto antes, a nova efusão de sangue, propõe ao governo dos soviéticos a imediata suspensão das hostilidades em toda a frente.”

O tardio auxílio dos Estados Unidos da América

VARSOVIA, 22. — Ante a proximidade do perigo, a Polónia volta-se para a América e pede auxílio. Soube-se hoje oficialmente que o governo polaco recebeu uma comunicação do departamento de Estado, em Washington, na qual se dizia que os Estados Unidos pediam à Tchecoslováquia que deixasse o seu território das munições de que tam necessitados estão os polacos.

Mais ainda que apenas fizessem isto, seria duma importância considerável, porque também permitiria ao Estado Maior fortificarse definitivamente.

Nos centros diplomáticos discute-se e concorda-se muito esta atitude dos Estados Unidos, e não poucos, preparam-se isto não será uma intervenção americana na política britânica.

Se o Estado tchecoslovaco se negasse a aceder a este pedido, os Estados Unidos tomariam represálias contra ele.

Considera-se isto aqui como verídico, sobretudo desde que Hugo Gilson, ex-

embaixador americano em Varsóvia, e agora adjunto na Secretaria de Estado, telegrafou que se havia produzido na

NOTAS & COMENTARIOS

A câmara

A câmara municipal parece que não tem nada que fazer.

À que serviços exquisitos, extraordinários se há de a câmara entregar, para justificação da sua existência? — Cuidar a sério da higiene pública? Não, isso pouca importância tem. Mandar edifícios hospitalares? Não. Os doentes que se tratam em casa. Examinar atentamente as manobras da Companhia Carris? Não. Dá disso ainda. Contribuir para que a vida não suba? Ninharias, ninharias. A câmara pensa, pensa muito. Consulta Niziche e lê a Bíblia, olha as estrelas e esgarava no nariz. Pensa sempre.

Por ai levanta a voz, uma voz potente, que atroia as ares, e diz:

— Aumenta-se em 100% a viação eléctrica!

Cal-se em seguida, emmudece. O homem é, claro, protesta e a câmara murmurava: Deixa-lo protestá-lo... E pensa, com o dedo no nariz.

Substitui-se as armas de Lisboa, que são talassas, peias de S. Francisco...

Repõe-se o silêncio por algum tempo. Depois outro berro tremendo:

— Que se cortem as árvores do Rossio!

E assim se faz administração.

A tortura

Não há carvão, não há azeite, não há dinheiro... Euzébio, azeite, não há dinheiro... Euzébio não ouvia dizer outra cosa.

Euzébio saí, para se ver livre da cegueira. Pelo caminho encontrou vários amigos, ou melhor, encontrou vários aborrecimentos. Um falava-lhe na falta do feijão, outro na do arroz, este na do açúcar, aquele na do brio. Euzébio, coitado, tomou outra resolução — voltar a casa. Era noite já. Deitar-se-ia e devia dormir, sonhar talvez com muito azeite, bânhos, feijão, carvão, etc.

Porém, a entrar em casa tropeçou numa cadeira. A companheira ainda não acendeira a luz.

— Acende lá isso! — exclamou Euzébio, de mau humor, esfregando as canelas esfaldadas.

— Não há fósforos — respondeu-lhe a consorte...

Uns alhos...

Imagine-se que isto está tam tremido que um simples telegrama notificando a greve dum clube é motivo para a censura telegráfica meter o estúpido e injustificado bedelho, não deixando seguir ao seu destino uma notícia que, no coração seguente, é dada com o maior desenvolvimento. Vêm bem e vêm longe os tais censores...

Agora foram dois telegramas de Evora, um da Associação Corticeira e outro do nosso correspondente daquela cidade, os quais não foram entregues, nem fôssem o seu infensivo texto provado o terrível incêndio bolchevista.

Muito inteligente é a censura telegráfica! Se ela fosse só inteligente, valia a pena. Mas o é mais feio: é ficar a ver se é falso, se é verdadeira, porque aí não se pode saber.

— E não há de haver vigaristas! Se é Estado que dá o exemplo!...

— Ah... Não se deem com elas...

— Que grande pulha!...

Eduardo FRIAS.

que se afastava da vida?!

A não ser que fossem os outros os afastados. Era possível, mas eles viviam, ele é que não alcançava existir.

As gargalhadas, ou o silêncio, qualquer das coisas, o mataria num isolamento terríngue.

Estava decidido, viveria. Sentia-se mais forte agora, mais sereno...

Se tivesse diante de si um espelho

recuaria espantado do itus feroz que lhe velava o rosto. Mas ele nem se lembrava desse detalhe, nem talvez mesmo se visse tal qual estava. Perdeu a noção da visão de si próprio. Precipitou-se. Seguiu-o.

Ja ninguém hoje tem dúvidas, por que todo o mundo agora, quando se refere a ele, é só para vociferar:

— Ah... Não se deem com elas...

Que grande pulha!...

— Eduardo FRIAS.

imediata de defender os seus interesses. Alega ainda a Companhia não ter concedido os passes porque a base 4.º do contrato a isso dá direito. O teor dessa base é o seguinte:

Enquanto não for assinado o novo contrato, ou modificadas as tarifas, não serão vendidos bilhetes anuais ou semestrais.

Não sabe o pessoal quem tem razão.

Se a Câmara, a Companhia ou os portadores de passes, nem lhe compete resolver tais assuntos. Os empregados que se desmobilizaram da previdência social, os que se homabilizaram na direção de algumas entidades, não podem estar, por mais tempo, sujeitos aos rigores da fome. Esta é a verdade.

A opinião do pessoal é que só um movimento geral de protesto contra a carestia da vida poderia meter na ordem não só a Companhia Carris, como os exploradores de todos os matizes, mas em quanto tal movimento se não efetua, tem que defender-se.

O comité central dirige uma nota ao pessoal

Recebemos do Comité Central dos empregados da Companhia Carris de Ferro a nota que segue, dirigida aos seus camaradas:

Oporto Oil Company

(EM ORGANIZAÇÃO)

S. A. R. L.

CAPITAL 10.000 contos, podendo ser elevado a 100.000

(Emissões em séries de 5.000)

Séde provisória:

Rua de Belomonte, 73.

PORTO

REFERENCIAS:

BANCO NACIONAL ULTRAMARINO

Nossos banqueiros e acionistas

Em vista do acolhimento que temos tido, resolvemos que o capital pudesse ser elevado a **100.000 contos**.

Importação e Exportação

Os lucros ficam no País.

End. telegrafico:

**CARBURO
PORTO**

Navios proprios.
Edifícios proprios.
Delegações no estrangeiro.
Agencias em todo o país, ilhas e colónias.

**Importadores de Petroleo, Gazolina, Oleos Lubrificantes, Drogas e Produtos Químicos,
Ferro e todos os metais**

Exportadores de todos os produtos continentais e coloniais.

Tendo chegado ao nosso conhecimento que, em varios pontos do país e especialmente em Lisboa, muitas pessoas desejam ainda fazer a sua inscrição; sendo-nos manifestado pelos nossos correspondentes a impossibilidade material de tempo para percorrerem a província nos curtos prazos que fixamos e não desejando esta Companhia que os interessados nas matérias a explorar e aqueles que com simpatia veem a criação da nossa empresa como uma necessidade nacional, deixem de fazer parte da mesma como seus acionistas ou como seus futuros clientes, resolveu abrir a

Subscrição ao publico:

Sómente para 30.000 acções de 100\$00 cada uma

(Sujeito a rateio)

Os accionistas terão direito a dividendo por duas fórmas:

O 1.º na proporção das compras que tenham efectuado na Companhia.

O 2.º na proporção do capital que representarem como accionistas, ficando a estes garantido um dividendo nunca inferior a 6 010 ao ano.

A subscrição ao publico está aberta:

Hoje e dias seguintes

Com encerramento no proximo

Sabado, 31 do corrente

(Depois deste dia não tem lugar qualquer pedido de inscrição)

EM LISBOA:

Rua da Madalena, 48, l.º Ex.º Sr. Alvaro Lavandeira,
Telef. C. 3995

Rua de S. Nicolau, 50 e 52 Ex.º Srs. Costa & Coelho, antiga firma
José da Costa & C.º Suces. Telef. C. 3º02

NO PORTO:

Rua Infante D. Henrique, 31, l.º Ex.º Sr. Alberto Magalhães,
Telef. 949

Rua de Belomonte, 73 Séde provisória da Oporto
Oil Company

Fórmula de pagamento:

No acto da subscrição	25\$00
Em 16 de Agosto	25\$00
Em 15 de Setembro	50\$00
Total	100\$00

As pessoas da província que desejem subscriver-se, queiram ter a bondade de dirigir os seus pedidos pelo correio, directamente, á séde provisória da OPORTO OIL COMPANY

RUA DE BELOMONTE, 73 - PORTO